

MÉTODOS DE AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO ESPORTIVO DE FUTEBOLISTAS UTILIZADOS POR TÉCNICOS

HUGO CÉSAR REIS CÂMARA
JOÃO CARLOS ALCHIERI

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal-RN-Brasil
hugocrcamara@yahoo.com.br

Introdução

Na atualidade (final do Século XX e início do Século XXI), uma das maiores preocupações na área esportiva é identificar e selecionar talentos no futebol. Pois esse esporte gera recursos diretos ou indiretos para jogadores, clubes, meios de comunicação, marcas esportivas e seus patrocinadores. Sabe-se também que nos clubes profissionais, diariamente, chegam vários jogadores para tentar ser um jogador de futebol profissional, entretanto, a maioria dos clubes não apresenta um aspecto metodológico, sistemático e analítico para selecionar os jogadores promissores. Os processos seletivos (“peneiras” ou “peneirões”) desenvolvidos pelos observadores técnicos (“olheiros”) resumem-se na observação do desempenho esportivo de um grande grupo de jogadores em um período de tempo de alguns minutos dado a cada jogador.

O problema que surge diante de tais fatos é: quais métodos são utilizados pelos técnicos de categorias de base para avaliar o desempenho esportivo de jovens futebolistas que almejam ser jogador de futebol? Ou como, de que forma estes técnicos avaliam e selecionam esses jovens?

Sabe-se que os padrões de comportamento e a organização da estrutura psicológica de cada indivíduo pode influenciar na *performance* do mesmo. Segundo Corrêa et al. (2002) “...em toda ação, presente em um jogo de futebol, existe um envolvimento psíquico, sendo esse consciente ou não” (p. 448).

Segundo Vallerand e Colavecchio (1988) citado por Corrêa et al. (2002), a influência do Momento Psicológico (alteração positiva ou negativa nos aspectos cognitivos, emocionais, fisiológicos e comportamentais, causada por um acontecimento isolado ou uma série de acontecimentos) sobre o desempenho depende de variáveis situacionais e individuais, como o nível de ansiedade e de motivação, assim como da própria natureza da tarefa que está sendo executada. Dessa forma, o grau de facilidade e de dificuldade de uma ação esportiva também influencia o desempenho esportivo. Além disso, em um estudo realizado por Corrêa et al. (2002) em que foram entrevistados experientes em futebol (ex-jogadores, preparadores físicos, treinadores, jogadores em atividade) foram citados fatores que dizem respeito à influência da confiança, da motivação e da preparação psicológica no desempenho esportivo. Então, esse estudo propõe unir os aspectos comportamentais dos garotos e o seu desempenho em provas de habilidade para o futebol, procurando traçar uma inter-relação entre os dois aspectos e tentar responder a seguinte questão: Será que existe um padrão de comportamento comum aos garotos mais habilidosos?

Sabe-se que as expectativas do treinador estão baseadas em suas próprias observações e confiança em determinadas características e habilidades que compõem o talento individual de seus comandados. Estas expectativas criadas auto-afirmam o êxito para futuros desempenhos.

Nesse trabalho, Considerar-se-á talento esportivo o indivíduo que por meio de suas condições herdadas e adquiridas, possui uma aptidão especial para o desempenho esportivo, acima da população em geral (Böhme, 1999; citado por Silva, 2003). Os traços psicológicos - definidos geneticamente na pessoa denominada talentosa - também fazem parte da análise, já que atuam como co-formadores das capacidades motoras, conferindo-lhes a estabilidade psicossomática requerida para a prática do esporte competitivo (Prudêncio, 2006). Vale lembrar que alguns destes traços atuam de maneira positiva para a

formação e consolidação da personalidade do indivíduo, que futuramente irão contribuir para obtenção de altos rendimentos esportivos; incluindo-se entre esses traços: o “espírito agonístico”, entendido como a combatividade, o controle emocional, a alta concentração e a capacidade para mantê-la por um período de tempo prolongado, assim como determinação para superação de limites (Prudêncio, 2006).

A seleção de talentos nos esportes é recomendada por muitos autores (Bompa, 2002; Filin & Volkov, 1998; Gomes, 2002; Moskotova, 1997; Torreles & Alcaraz, 2003) e treinadores. Pois se sabe que quando tal seleção existe, de forma criteriosa, em um clube esportivo ou escola esportiva, as chances de se encontrarem atletas excepcionais aumentam inúmeras vezes quando comparada a observação pura e simples. Uma característica particular do atual período de desenvolvimento dos esportes é a busca universal, cientificamente fundamentada, de jovens talentosos, os quais muitas vezes são capazes de receber grandes cargas de treinamento e elevados ritmos de aperfeiçoamento desportivo (Filin & Volkov, 1998). Com a seleção das crianças e dos adolescentes nas escolas esportivas, o processo pedagógico é de grande importância, e sua etapa inicial predetermina todo o processo posterior do aperfeiçoamento esportivo. (Filin & Formin, 1980; citado por Gomes, 2002).

Porém, “a avaliação objetiva das capacidades individuais ocorre na base das observações das crianças e dos adolescentes, assim como não existe nenhum outro critério de aptidão desportiva”. (Gomes, 2002, p. 180). Ou seja, tal avaliação é realizada de maneira subjetiva, já que os critérios para tal avaliação são escassos.

A prática evidencia que elevadas realizações esportivas mostram indivíduos que possuem uma combinação ótima em determinadas características: uma perfeição indiscutível de capacidades especiais que dá ao esportista uma significativa vantagem em relação a outros colegas multifacetadamente desenvolvidos, mas sem nenhuma característica especial em destaque. (Nikolic & Paranosic, 1984; citado por Moskotova, 1997).

Silva (2005) relata que, no atual paradigma é difícil comprovar o grau de eficiência dos “olheiros”, onde se constata que “pseudo-talentos”, na idade adulta não “explodem”, e atletas medianos, na idade madura, se tornam “craques”. O autor conclui dizendo que “...’olheiros’ não possuem conhecimentos e, *a posteriori*, não agregam valor ao processo, desenvolvendo, há cem anos, o mesmo modo de avaliação”. (Silva, 2005, p. 65). Portanto, para que ocorra uma avaliação mais adequada na seleção de talentos, os conhecimentos mais importantes serão tratados neste estudo, permitindo que haja uma melhor compreensão da complexidade que envolve tal seleção.

Diante das evidências científicas e da problemática apresentadas, esse estudo propõe, identificar e caracterizar os critérios utilizados por técnicos das categorias de base do Rio Grande do Norte.

Material e Método

Trata-se de uma pesquisa do tipo descritivo transversal, com grupo único, de campo, observacional, diagnóstico e de caráter censitário.

Só poderiam participar do estudo, técnicos que entre os anos de 2007 e 2009 treinaram clubes de futebol em campeonatos estaduais do Rio Grande do Norte em uma das 4 (quatro) categorias de base (sub-13 ou mirim, sub-15 ou infantil, sub-17 ou juvenil e sub-20 ou juniores) do Estado.

Participaram 46 (quarenta e seis) técnicos, com médias de idade e tempo de experiência como técnico, respectivamente iguais a 43,4 anos e 10,6 anos e desvios-padrão, respectivamente iguais a 11,74 anos e 8,20 anos de um total de 54 (cinquenta e quatro possíveis), mas os 8 (oito) não foram localizados (não-resposta).

O questionário continha questões abertas (tempo de experiência como técnico, tempo de experiência como técnico no clube, dentre outras), fechadas dicotômicas (foi jogador profissional de futebol e motivação) e fechadas de múltiplas escolhas com múltiplas respostas (aspectos de condição física, de habilidade, dentre outras).

Para realização das entrevistas, o autor teve que contatar os técnicos por telefone (obtido nos cadastros realizados para estudos anteriores) e marcar entrevistas em diversos locais (residências, locais de trabalho e locais de estudo) e horários, como melhor conviesse ao entrevistado. Além de conseguir algumas entrevistas indo aos locais dos jogos do campeonato estadual sub-15 de futebol do ano de 2009, o qual teve início em abril do mesmo ano. As entrevistas foram realizadas em dupla, sendo composta por um entrevistador e uma auxiliar, com exceção de uma entrevista realizada por telefone.

Foram utilizados os softwares *SPSS (Statistical Package for the Social Science) for Windows 11.0* e o *Microsoft Excel 2007* para análise e tabulação dos dados, gerando gráficos e tabelas, gerando estatísticas descritivas com totais, percentuais, medidas de tendência central (média) e de dispersão (desvio-padrão). Como o estudo pôde ser considerado censitário, não foi necessário realizar testes estatísticos para verificar a possível generalização da amostra para a população. Então a inferência foi realizada com base nas estatísticas descritivas tabuladas em números e em percentuais.

Resultados e discussão

A tabela 1 permite visualizar que dos 46 (quarenta e seis) técnicos entrevistados, 7 (sete) possuem idade entre 20 (vinte) e 29 (vinte e nove) anos, 10 (dez) possuem idade entre 30 (trinta) e 39 (trinta e nove) anos, 15 (quinze) possuem idade entre 40 (quarenta) e 49 (quarenta e nove) anos, 10 (dez) possuem idade entre 50 (cinquenta) e 59 (cinquenta e nove) anos e 4 (quatro) possuem idade acima de 60 (sessenta) anos. Ou seja, a faixa etária que predomina é dos 30 aos 59 anos, onde estão contidos 35 técnicos.

Tabela 1 - Número de técnicos por faixa etária

| Faixas Etárias | f | F% |
|-----------------------|-----------|------------|
| 20 - 29 | 7 | 15,2 |
| 30 - 39 | 10 | 21,7 |
| 40 - 49 | 15 | 32,6 |
| 50 - 59 | 10 | 21,7 |
| 60 ou mais | 4 | 8,7 |
| TOTAL | 46 | 100 |

A tabela 2 permite visualizar que dos 46 (quarenta e seis) técnicos entrevistados, 5 (cinco) possuem nível fundamental incompleto, 6 (seis) possuem nível fundamental completo, 5 (cinco) possuem nível médio incompleto, 16 (dezesesseis) possuem nível médio completo, 3 (três) possuem nível superior incompleto (considerados somente os que abandonaram seus cursos), 5 (três) possuem nível superior cursando (considerados somente os que continuam cursando seus cursos), 4 (um) possui nível superior completo (considerados somente os que concluíram a graduação, mas não fizeram nenhuma pós-graduação) e 2 (dois) possuem nível especialização (considerados somente os que concluíram a graduação e concluíram ao menos uma pós-graduação). Ou seja, a escolaridade que conteve a maioria dos técnicos foi o nível médio completo, que apresentou 16 técnicos.

Tabela 2 – Número de técnicos por nível de escolaridade

| Escolaridade | f | f% |
|------------------------|----------|-----------|
| Fundamental Incompleto | 5 | 10,9 |
| Fundamental Completo | 6 | 13,0 |
| Médio Incompleto | 5 | 10,9 |
| Médio Completo | 16 | 34,8 |
| Superior Incompleto | 3 | 6,5 |

| | | |
|-------------------|-----------|------------|
| Superior Cursando | 5 | 10,9 |
| Superior Completo | 4 | 8,7 |
| Especialização | 2 | 4,3 |
| TOTAL | 46 | 100 |

A tabela 3 permite visualizar que dos 46 (quarenta e seis) técnicos entrevistados, 4 (quatro) possuem menos de 3 (três) anos de experiência como técnico, 16 (dezesseis) possuem entre 3 (três) e 6 (seis) anos de experiência, 6 (seis) possuem entre 7 (sete) e 10 (dez) anos de experiência e 20 (vinte) possuem mais de 10 (dez) anos de experiência como técnico. Ou seja, pode-se perceber claramente que há duas gerações bem definidas de técnicos no Rio Grande do Norte. A primeira é a dos veteranos, que ainda é a maior parcela, com 20 técnicos possuindo mais de 10 anos de experiência. E a segunda, com uma parcela significativa, 16 técnicos possuindo entre 3 e 6 anos de experiência.

Tabela 3 – Número de técnicos por tempo de experiência

| Tempo de Experiência como técnico (anos) | f | f% |
|---|-----------|------------|
| Menos de 3 | 4 | 8,7 |
| Entre 3 e 6 | 16 | 34,8 |
| Entre 7 e 10 | 6 | 13,0 |
| Mais de 10 | 20 | 43,5 |
| TOTAL | 46 | 100 |

Então, como se verificou nesse estudo que apenas 6 (seis) dos 46 (quarenta e seis) técnicos tinham curso superior concluído (sem ou com especialização) decidiu-se investigar sobre a legalidade do exercício profissional.

A tabela 4 permite visualizar que dos 46 (quarenta e seis) técnicos entrevistados, 2 (dois) apresentam-se registrados como graduados e 5 (cinco) apresentam-se registrados como provisionados no Sistema CONFEF/CREFs. O que faz com que os resultados sejam ainda mais preocupantes tendo em vista a possível deficiência em conhecimentos que esses profissionais possam ter.

Tabela 4 – Número de técnicos e registro profissional (CONFEF/CREFs)

| Regularização Profissional | f | f% |
|-----------------------------------|-----------|------------|
| Não tem | 39 | 84,8 |
| Provisionado | 5 | 10,9 |
| Graduado | 2 | 4,3 |
| TOTAL | 46 | 100 |

Outra análise realizada foi verificada no cruzamento entre a variável tempo de experiência como técnico (anos) e os métodos de avaliação que os técnicos das categorias de base utilizam para selecionar jovens futebolistas para seus clubes, os quais serão descritos a seguir.

Na tabela 5, é possível visualizar que dos 4 técnicos com menos de 3 anos de experiência, todos descreveram a observação como o método de avaliação que utilizam no processo seletivo de futebolistas das categorias de base; dos 16 técnicos com experiência entre 3 e 6 anos, 14 descreveram a observação como método de avaliação que utilizam e 2 a observação aliada à verificação da estatura; dos 6 técnicos com experiência entre 7 e 10 anos, todos descreveram a observação como método de avaliação utilizado; e dos 20 técnicos com mais de 10 anos de experiência, 16 descreveram a observação como método de avaliação utilizado, 2 a observação aliada à verificação da estatura e 2 descreveram a observação aliada a testes de habilidade. O que revela que o método mais utilizado independentemente do tempo de experiência dos técnicos é a observação (avaliação subjetiva).

Tabela 5 - Número de técnicos por tempo de experiência e métodos de avaliação

| | | Observação | Observação e verificação da estatura | Observação e testes de habilidade |
|--|--------|------------|--------------------------------------|-----------------------------------|
| Experiência como técnico (anos) | < 3 | 4 | 0 | 0 |
| | 3 a 6 | 14 | 2 | 0 |
| | 7 a 10 | 6 | 0 | 0 |
| | > 10 | 16 | 2 | 2 |
| TOTAL | | 40 | 4 | 2 |

Conclusões

Em relação ao perfil sócio-profissional pôde-se constatar que a idade da maioria (76%) dos técnicos das categorias de base do tem entre 30 e 59 anos de idade, demonstrando certa maturidade, possui nível médio completo e não possui registro profissional junto ao Sistema CONFEF/CREFs. O que é preocupante tendo em vista a baixa qualificação e o exercício ilegal da profissão. Também se verificou que existem 2 grupos bem definidos em relação ao tempo de experiência como técnicos, um bem experiente (mais de 10 anos como técnico), com técnicos veteranos e outro iniciante (entre 3 e 6 anos de experiência). Percebeu-se também a alta rotatividade dos técnicos em seus clubes, pois a maioria (58,7%) ou está sem clube ou está a menos de 3 anos no clube atual.

Com relação aos métodos de avaliação utilizados pelos técnicos das categorias de base do Rio Grande do Norte para avaliar o desempenho esportivo dos jovens futebolistas, percebe-se que há uma maior variabilidade entre os métodos utilizados na faixa de tempo de experiência que contém os técnicos com mais de 10 anos de experiência, que utilizam a observação, a observação aliada a verificação da estatura e a observação aliada a testes de habilidade. É importante lembrar que nenhum dos técnicos afirmou utilizar os 3 métodos de avaliação, apesar da faixa de experiência ter contido-os. Ou seja, o que os referenciais teóricos (Gomes; Erichsen, 2004; Torrelles; Alcaraz, 2003) recomendam seria o método mais adequado, já que conseguiria abarcar uma grande quantidade de informações, e consequentemente permitiria avaliações mais precisas sobre o desempenho esportivo dos futebolistas das categorias de base.

Palavras-chave. Futebol, Avaliação, Desempenho Esportivo.

Referências Bibliográficas

BARRETO, J. A. **Psicologia do Esporte para o atleta de alto rendimento.** Rio de Janeiro: Shape, 2003.

BECKER JUNIOR, B. **Manual de psicologia do esporte e exercício.** Porto Alegre: Nova Prata, 2000.

CÂMARA, H. C. R.; LIPAROTTI, J. R.; BARROS, M. V. G. de. **Reprodutibilidade de testes de habilidade de Câmara para seleção de talentos no futebol.** Recife: Artigo entregue na defesa Especialização, 2006.

COLEGIO OFICIAL DE PSICÓLOGOS. **Perfiles Profesionales del deporte. Psicología de la Actividad Física e Del Deporte.** Madrid. Espanha, s/d.

CORRÊA, D. K. de A.; ALCHIERI, J. C.; DUARTE, L. R. S.; STREY, M. N. **Excelência na produtividade: a performance dos atletas de futebol profissional.** Psicologia: reflexão e crítica. 15(2). p. 447-460. Porto Alegre: 2002.

COZAC, J. R. L. **Psicologia do Esporte: clínica, alta performance e atividade física.** São Paulo: Annablume, 2004.

FILIN, V. P. & VOLKOV, V. M. **Seleção de talentos nos desportos.** Tradução: Antônio Carlos Gomes e Edson M. G, 1998.

GOMES, A. C & ERICHSEN, O. A. Preparação de futebolistas na Infância e Adolescência in In: T. L. de Barros & I. GUERRA (Orgs). **Ciência do Futebol** (pp. 241-275). São Paulo: Manole, 2004.

LEONHARDT, L. (2003). O Psicólogo auxiliando na qualificação do treinador: potencializando talentos no cotidiano de um clube de futebol In K. RUBIO (Org.). **Psicologia do Esporte Aplicada** (pp. 141-153). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LIPAROTTI et al. Estudo Morfológico de Futebolistas Universitários Brasileiros (pp. 192-192). In Anais, **III Simpósio Internacional em Treinamento Desportivo.** João Pessoa: Idéia, 2002.

LOPEZ, E. M. Y.; SILVA, A. R. da. **Futebol e Psicologia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MELO, R. S. de. (1997). **Qualidades físicas e psicológicas e exercícios técnicos do atleta de futebol.** Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

MOSKOTOVA, A. K. (1997). **Fisiologia: seleção de talentos e prognóstico das capacidades motoras.** Tradução: Guiorgui Melnikov, Adaptação técnica e científica: Antônio Carlos Gomes e Paulo Roberto de Oliveira. Jundiaí: Ápice, 1997.

PASQUALI, L. (Org). **Instrumentos Psicológicos: manual prático de elaboração.** Brasília: LabPAM/IBAPP, 1999.

PRATES, U. A. (2005). **Futebol Infanto-juvenil: preparação de atletas para testes.** São Paulo: Musa, 2005.

PRUDÊNCIO, N. **Salto triplo: o sistema de preparação do desportista – da detecção à promoção do talento.** Tese de doutorado. Campinas. (pp. 173), 2006.

SAMULSKI, D. M. Psicología del deporte aplicada al alto rendimiento (pp. 12-33). In Anais, **I Congresso de la Sociedade Iberoamericana de Psicología del Deporte,** 2006, Guadalajara, Jalisco, México (2006). CD, 2006.

SAMULSKI, D. M.. **Psicologia do Esporte: manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia.** São Paulo: Manole, 2002.

SAMULSKI, D. M. (2002). **Psicologia do Esporte: manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia.** São Paulo: Manole, 2002.

SHAW, D. F.; GORLEY, T.; CORBAN, R. M. (2005). **Instant Notes Sport and Exercise Psychology.** Oxon, UK: Garland Science/BIOS Scientific Publishers, 2005.

SILVA, L. R. R. Et al. A utilização de variáveis cineantropométricas no processo de detecção, seleção e promoção de talentos no voleibol. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.,** 11 (1), 69-76, 2003.

SILVA, T. C. Revelação de talentos no futebol brasileiro: do senso comum instintivo à metacognição. **Revista de Educação Física**. n. 130, 56-66, 2005.

SIMÕES, R. **Teoria de Grupo no Esporte in Psicologia dos Esportes**. São Paulo: Atlas, 1973.

WAENY, de M. F. C; AZEVEDO, M. L. B. de. [online] [acesso em 11 de abril de 2009]
Disponível em:
http://www.crsp.org.br/crp/memoria/pioneiros/carvalhaes/fr_carvalhaes_artigo.aspx

WEINECK, E. J. **Futebol Total**: o treinamento físico no futebol. São Paulo: Phorte, 2000.

Rua Cônego Leão Fernandes, 555, Petrópolis, Natal/RN. CEP: 59020-060
(84) 9124-8396 / 8805-9809
hugocrcamara@yahoo.com.br